



Arquivo pessoal

**Maria Dione Carvalho Moraes**

Socióloga, doutora em Ciências Sociais pelo IFCH/UNICAMP, professora no DCS/CCHL/UFPI; no Mestrado de Políticas Públicas/CCHL/UFPI, na linha de Pesquisa, Cultura e Identidade; no Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA/TROPEN/UFPI, na linha de Pesquisa, Políticas de Desenvolvimento e Meio Ambiente. E-mails: mdione@uol.com.br; mdione@superig.com.br

## TRILHAS E ENREDOS NO IMAGINÁRIO SOCIAL DE SERTÃO NO PIAUÍ<sup>1</sup>

No mundo moderno, as culturas nacionais, uma das principais fontes de identidade cultural, nos constituem como sujeitos. Mas identidade nacional não é uma coisa com a qual nascemos. Ela é formada e transformada no interior da representação, sendo a nação não apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, como um sistema de representação cultural. Culturas nacionais são, assim, formadas por instituições culturais, simbologias e representações e podem ser vistas como um discurso e modos de construir sentidos influenciadores e organizadores de nossas ações e da concepção que temos de nós mesmos como sujeitos históricos (HALL, 1998).

As culturas nacionais, ao produzir sentidos que nos interpelam, e com os quais nos identificamos, são produtoras, também, de identidades. Esses sentidos encontram-se nas estórias da nação, como memórias que constroem um passado, seja como tradição inventada (HOBBSAWN e RANGER, 1984) como narrativas mestras (MORAES, 2000), seja na

pluralidade de histórias hierarquicamente organizadas no interior da sociedade como lembra Woodward (2000), a partir de uma posição histórica e cultural específica, de onde o sujeito fala. Podemos então pensar a nação como uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1989), ou seja, a construção da identidade cultural é uma representação social de pertencimento a uma mesma grande família nacional, como dispositivos discursivos que representam as diferenças como unidade ou identidade.

Isto leva a questões sobre como é imaginada a nação moderna, no caso a brasileira republicana, sobre que estratégias representacionais ela se institui na construção de um senso comum sobre o pertencimento a uma identidade nacional e quais as representações de Brasil que dominam as identificações e identidades partilhadas em seu interior, processo do qual fazemos parte, como membros da “nação” piauiense.

Para fins da presente análise, tomemos como ponto de partida a meta-narrativa de construção da

<sup>1</sup> Ensaio elaborado para o Seminário sobre Patrimônio Cultural e (I)material, coordenado pela FUNDAC e UESPI, de 8 a 10/10/2005, em Teresina, Piauí, na UESPI.

nação contada e recontada por uma sociografia<sup>2</sup> focada na relação litoral/sertão/selva (SOUZA, 1997; AMADO, 1995) e o imaginário correlato, fornecedores de eventos históricos, mitos, estórias, imagens, panoramas, cenários, símbolos e normatividades, que retratam experiências, perdas, triunfos, bipartições e projetos de avançar para além destas que dão sentido às nações brasileira e piauiense. Aí se tem tanto ênfase nas origens, na tradição, quanto nas prescrições para a continuidade, na intemporalidade. Aí também se encontram mitos de fundação da nação, do povo e do caráter nacional, assim como da nação piauiense, da qual nos contam, dentre outros, Abreu (1982), Prado Jr. (1980) e Ribeiro (1998), sobre as itinerâncias dos caminhos do gado.

Nesse sentido, o Seminário sobre Patrimônio Cultural e (I)material, que provocou este ensaio, permite refletir sobre nossas próprias origens e identidades culturais. Brincando um pouco com a imagética espacial: Teresina, a única capital não-litorânea do Nordeste, não seria geograficamente sertaneja? O Piauí nasce dos caminhos do gado, como diria João Capistrano de Abreu. E, como dito por Renato Castelo Branco, o povo piauiense é constituído por “netos dos sertanistas baianos e dos bandeirantes paulistas” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 68). Para início de conversa, parece que temos motivos para pensar nossas genealogias, à luz da categoria sertão.

A propósito, quero referir à minha própria trajetória de aproximação com o tema, que defino como afetiva e profissional. De fato, como sertaneja, “geraizeira” do norte de Minas Gerais, e como pesquisadora, meus interesses de pesquisa socioantropológica se orientam em grande medida para o chamado mundo rural. Na tese de doutorado (MORAES, 2000), focalizo o sertão do sudoeste piauiense, em seu processo de modernização agrícola, a partir dos anos de 1980. Com efeito, as regiões de cerrados, que abrangem uma enorme área do interior do Brasil e cuja imagem científica é construída e

associada à linguagem da modernização agrícola, não podem ser analisadas sem, por um lado, menção às imagens do sertão presentes na historiografia e ensaios de viajantes e naturalistas do século XIX, e na literatura e sociografia acerca do tema da construção da nacionalidade brasileira que de alguma forma versam sobre o sertão, na primeira metade do século XX. Por outro, também não poderia trabalhar a temática ignorando as narrativas orais de populações camponesas locais, sertanejos e sertanejas, que vivenciam a voraz modernização agrícola dessas regiões sobre o seu tradicional modo de vida entre “baixões” e “chapadas” (MORAES, 2000), assim traduzida na poética sertaneja de um “sertão desencantado”:

(...) Eu quero que acredite no que tem nesse sertão:  
sem-terra fazendo guerra se torna grande aflição  
morre sem-terra e soldado,  
criança e mãe de família  
deixando o sangue no chão (...)

A coisa aqui não tá boa  
já tá tudo terminado,  
não tem mais terra de ausente,  
em cima desse cerrado  
porque chegou muita gente  
aqui na nossa cidade,  
vem do Sul do Mato Grosso,  
e de mais outros estados.

O pobre aqui que tem terra  
já tem que ficar cercado.  
Pra criar um cabritinho  
tem que ser no cadeado.  
As coisas aqui para nós  
já tem se demaziado  
e o pobre que não tem terra  
talvez vai ser enterrado.  
Muitos que deixaram a roça  
já foram morar na cidade (...)<sup>3</sup>

Nesse reencontro teórico e empírico com o sertão, a releitura de autores como Euclides da Cunha,

<sup>2</sup> Uso o termo (sociografia) não no sentido pré-científico que muitos lhe atribuem, mas para referir um conjunto de análises, ensaios e estudos, não propriamente sociológicos, mas voltados ao tema da construção da nacionalidade.

<sup>3</sup> Trechos do poema, que se encontra na íntegra em Moraes (2000), de autoria de Francisco de Souza Lima, também conhecido como Chico Dora, camponês de Bananeira, Uruçuí/PI.

# ARTIGO

João Guimarães Rosa e João Capistrano de Abreu, dentre outros, a descoberta de Carlota Carvalho, o encontro etnográfico com sertanejos e sertanejas do sudoeste piauiense, em seu modo de vida (MORAES, 2005) e o vislumbrar de suas tradições orais, como, por exemplo, a do “fogo do campo” (MORAES, 2000), me levaram inclusive à criação de uma disciplina, na categoria tópico especial, que inaugurei em 2000, na UFPI, intitulada “Imagens e narrativas de sertão,” e a participar do XI Ciclo de Estudos sobre o Imaginário, no GT “Sertão, Memória e Imaginário” (MORAES, 2002).

A experiência em sala de aula foi uma tentativa de promover a aproximação analítica do sertão como categoria axial na construção do imaginário da nacionalidade brasileira, em suas múltiplas dimensões, buscando compreender-lhe imagens e narrativas, tomado o sertão não apenas como só categoria espacial, mas também política, cultural, estética e simbólica. Objetivava, ainda, entender representações do povo sertanejo, em geral, e do nordestino, em particular, profundamente marcadas por imagens do sertão do boi e suas relações com as origens do Piauí. Mais que isso, pretendia, ainda, trabalhar a amplidão, no Brasil, da categoria sertão, não somente pela leitura de textos acadêmicos mas também pelo encontro com outras linguagens como literatura erudita e popular, cinema, música, artes plásticas e teatro, em algumas sessões especiais que denominei “poética do sertão”, quando adentrávamos a polissemia sertaneja que nos impulsionava para sentir o sertão como parte da nossa brasileiríssima comédia humana.

Naquelas sessões, nos deleitamos com o talento musical de convidados especiais como Netinho da Flauta (*in memoriam*), Stênio Nóbrega, Gilvan Santos, que nos brindaram com a música do sertão nordestino; com a colaboração de convidados como o professor, radialista e jornalista Carlos Said, versando sobre o sertão na literatura piauiense;<sup>4</sup> conhecemos um pouco da poética do cordel, através da aula do professor Pedro

Ribeiro, presidente da Casa do Cantador, e da participação do repentista Zé da Viola; e pudemos apreender algo do enraizamento musical dinâmico do grupo “Os Caipora”, em sua síntese de *pop-rock* e da música do sertão. Contamos, ainda, com a participação da professora Claudete Dias, do Departamento de História da UFPI, que apresentou a própria pesquisa sobre o sertão do Piauí nas lutas da independência, casos da Batalha do Jenipapo e da Balaiada.

Na conclusão da disciplina, alunos e alunas apresentaram seminários a partir da leitura de clássicos como “Os sertões”, de Euclides da Cunha, “Grande sertão: veredas”, de Guimarães Rosa, “O sertão”, de Carlota Carvalho, dentre outros. Talvez tenhamos chegado a compreender, pelo menos em parte, o que disse Riobaldo: “O sertão está em todo lugar”. A partir daí, uma pergunta foi ganhando corpo: como se expressam o sentido e a largueza do sertão roseano, no Piauí?

Em 2003, a direção do Curso e o Centro Acadêmico de Ciências Sociais da UFPI organizaram a IV Semana de Ciências Sociais, cuja temática foi o sertão. Convidada para uma das mesas-redondas do evento, para falar sobre “imaginário do sertão, sertanejas e sertanejos”, congratulava-me, na oportunidade, com a iniciativa, considerando aquele acontecimento como a nossa “Semana da Arte Moderna”, a nossa antropofagia.

Em 2004, voltei a oferecer o tópico especial, avançando um pouco mais na reflexão sobre a relação Piauí/sertão, chegando a projetar a criação de um espaço interdisciplinar e permanente de debates sobre o sertão, na UFPI, proposta levada ao diretor do Centro de Ciências Humanas e Letras, professor Antônio Fonseca Neto. Nesta segunda experiência, mantivemos as sessões de poética realizando, dentre outros eventos, dois saraus: um deles, conduzido pelo professor e escritor Airton Sampaio, do Departamento de Letras da UFPI, foi dedicado ao tema do sertão na literatura romântica brasileira<sup>5</sup>, e o outro, coordenado pelo professor e escritor Cineas Santos, voltou-

<sup>4</sup> O amplo panorama de autores e obras apresentados extrapolaria os limites de espaço deste ensaio.

<sup>5</sup> De Álvares de Azevedo foi lido o poema “A cantiga do sertanejo” (AZEVEDO, [19--]). De Teodoro de Carvalho, os poemas “O canto do caçador”, “O canto do voluntário”, “O selvagem”, “O canto do sertanejo”, “Saudades” e “Transformação” (CARVALHO, 1996). De José de Alencar, trechos do romance “O sertanejo” (ALENCAR, [19--]) e de Franklin Távora, trechos de “O cabeloira” (TÁVORA, [1973]).

se à temática do sertão na literatura piauiense.<sup>6</sup> Essas incursões literárias permitiram descobertas e releituras importantes para a densidade estética e metafórica das imagens e narrativas do sertão, que estávamos construindo.

Nos saraus e em outras sessões musicais, priorizamos da musicalidade de Anderson Nóbrega, Alessandro Magno Santiago, Iracy Moura Fé,<sup>7</sup> Bruno do Carmo (*in memoriam*), Marcondes Brito da Costa e Gilvan Santos, e da performance de Roque Moreira, por João Neto,<sup>8</sup> que generosamente nos brindaram com seus talentos, postos à disposição da “poética do sertão”.

Quero registrar, ainda, a participação dos professores convidados, Fabiano Gontijo e Ferdinand Cavalcante, ambos do Departamento de Ciências Sociais da UFPI. O primeiro, como antropólogo “do sul”, expunha suas impressões do sertão da seca, enquanto Ferdinand falou sobre sua pesquisa a respeito de Canudos. Também o professor João Kennedy, do Departamento de História da UFPI, apresentou a própria pesquisa sobre o imaginário sertão/litoral na música popular brasileira. Buscando extrapolar os limites e as fronteiras do sertão semi-árido, dialogamos com a “Princesa do sertão” maranhense, a cidade de Caxias, através das presenças do poeta Wybson Carvalho, que nos brindou com a poética da terra de Gonçalves Dias, inclusive, a sua própria, e

da historiadora e coordenadora do Memorial da Balaiada,<sup>9</sup> com sede naquela cidade, Maria Bertolina Costa, que falou sobre a história de Caxias.

Quero lembrar, com este preâmbulo, que a fala de Riobaldo, ao remeter, exemplarmente, à presença do sertão no imaginário de Brasil, pode significar, também, a importância do sertão no imaginário da nação piauiense. Sobre isto apresentarei, a seguir, não conclusões de pesquisa, mas algumas trilhas vislumbradas e aqui trazidas como pistas, que se abrem à investigação.

### **Sertão, Brasil, Piauí: das trilhas e enredos no imaginário social**

O termo sertão ou *certão* era utilizado em Portugal, talvez desde o século XII, para referir-se a áreas situadas dentro daquele país e distantes de Lisboa. Até o final do século XVIII, foi largamente utilizado pela Coroa Portuguesa nas colônias. Construída pelos portugueses para designar o outro, o distante, a categoria sertão é absorvida pelos colonizados, transformando-se, a partir do século XIX, no Brasil, num termo polissêmico, profundamente ligado ao entendimento da nação. Assim, cinco séculos depois da invenção da Terra de Santa Cruz, continua alimentando as ciências sociais, a literatura, o cinema, a teledramaturgia, a música, as artes plásticas, enfim, o imaginário do ser Brasil, tanto a partir do olhar forasteiro quanto do pon-

<sup>6</sup> De H. Dobal foram lidos os poemas “Campo Maior”, “Réquiem”, “Bestiário”, “Introdução e rondó sem capricho”, “Pedras”, “Inverno”, e “A raça” (DOBAL, 2001). De Alvina Gameiro, trechos dos romances “Chico Vaqueiro do meu Piauí” (em versos), e “Curral de serras” (GAMEIRO, 1971, 1980). De Francisco Gil Castelo Branco, trechos de “Ataliba, o vaqueiro” (CASTELO BRANCO, 2004). De Fontes Ibiapina, trechos de “Vida gemida em Sambambaia” e de “Trinta e dois” (IBIAPINA, 1985, 2002). De Cineas Santos, o conto “Até amanhã” (SANTOS, 2002). Renata Ferreira, pesquisadora da obra de João Ferry, declamou o poema “Adeus cachaça” (FERRY, 1952).

<sup>7</sup> Destaco a contribuição de Iracy Moura Fé, que, além de nos brindar com sua bela voz no sarau sobre o sertão na literatura romântica, organizou um roteiro musical (impresso e com informações sobre as canções e compositores), com as canções: “Mágoas de caboclo (cabocla),” de J. Cascata e Leonel Azevedo (1931), “Casa de caboclo”, de Hekel Tavares e Luiz Peixoto (1928), “Maringá”, de Jubert de Carvalho e Olegário Mariano, “Senhor da floresta” e “Sertaneja”, de René Bitencourt (1945, 1940), numa contribuição à cultura musical do/as participantes.

<sup>8</sup> O programa da disciplina se encontra, na íntegra, no Departamento de Ciências Sociais da UFPI.

<sup>9</sup> A propósito, laços como o próprio passado da colonização e a Balaiada (AMARAL, 1900; ASSUNÇÃO, 1988; CARVALHO, 2000; DIAS, 2002, 1987; JANOTTI, 1987; OTÁVIO, 2001; SANTOS, 1983; SERRA, 1948) – cujo Memorial foi erigido naquela cidade – unem Caxias ao Piauí. Como a oralidade é um dos meus campos de interesse teórico-metodológicos de pesquisa, iniciei, em 2004, um trabalho de parceria com o Memorial da Balaiada para criar uma linha de pesquisa no campo da memória oral da Balaiada em Caxias (MORAES, 2004; MORAES e COSTA, 2005), o que se vem construindo em profícuo diálogo com a coordenadora do Memorial que, por seu turno, já desenvolve a própria pesquisa de mestrado sobre a memória oral da Balaiada, com idosos, na cidade de Caxias.

# ARTIGO

to de vista de uma etnosertania, perspectiva que nos interessa explorar, relativa ao ser piauiense.

Assim, identificar, desconstruir e reencontrar os significados de sertão continuam uma tarefa contemporânea, nesses tempos pós-modernos, em que as possibilidades do enraizamento dinâmico, que é a memória (MORAES, 2000), podem-nos levar ao reencontro de sentidos já conhecidos e a descobrir novos para a nossa própria, como diria Elomar Figueira de Melo, sertanezidade. Ou seja, o tema nada tem de anacrônico, especialmente no Piauí onde, aliás, esse é um debate ainda incipiente, embora a sertanezidade aflore nos imponderáveis da vida social, quer em sua capital, Teresina, quer em regiões como os cerrados, que se modernizam na voragem do tempo e dos ritmos de um progresso, que nos instigam a exercícios culturais antropofágicos.

Foge aos limites deste ensaio uma exegese das imagens do sertão em virtude da polissemia da imagética povoadora do nosso imaginário, especificamente naquela presente na sociografia da reflexão sobre o Brasil, que diagnostica, impulsiona, organiza, define e direciona ações. No entanto, Ferreira (1999) registra que sertão aponta para as regiões agrestes do país, distantes de povoações ou terras cultivadas, longe do litoral, e pouco povoadas. A possível etimologia, forma contrata de “desertão”, expressaria a idéia de vazio: “É o interior (...). O nome fixou-se no Nordeste e Norte, muito mais do que no Sul. O interior do Rio Grande do Sul não é sertão,<sup>10</sup> mas poder-se-ia dizer que sertão era o interior de Goiás e de Mato Grosso, na fórmula portuguesa do século XVI. A origem ainda se discute e apareceu mesmo a idéia de forma contrata de desertão. (...). E continua o debate” (CASCUDO, 1972, p. 697-98).

A categoria sertão refere, assim, territórios do interior, afastados da costa – explicitamente habitadas por indígenas como se acentua nas narrativas de bandeiras. De fato, longe de serem vazias, como quer, por exemplo, a ênfase do discurso desenvolvimentista relativo às áreas de cerrados, quando refere regiões de

densidades humanas tidas como baixas em comparação com as populações que poderiam ser abrigadas pela agricultura intensiva e para áreas cujos habitantes autóctones foram eliminados, sendo substituídos por uma população dedicada inicialmente à pecuária, atividade tida como poupadora de mão-de-obra. Essa, aliás, é a perspectiva produtivista, ancorada na necessária contraface de um vazio econômico.

Como dito por Candice Vidal e Souza, autora de origem piauiense, que analisa sertão e litoral no pensamento social brasileiro, os estilos, as figuras de linguagem, os cenários e os mecanismos narrativos relativos às circunstâncias históricas e sociais são elementos de primeira ordem na interpretação de Brasil que emergem do imaginário do sertão (SOUZA, 1997). Com efeito, no campo do imaginário social, interessam significados, trilhas e ambigüidades, de modo que a própria representação identitária presente nas imagens é, em si, um ato ficcional, não querendo dizer com isso que se tratam de declarações fictícias sem poder de avaliação da realidade. Com efeito, é um processo de invenção social e de imaginação criadora que produz signos com poder de instituição social, no caso o da construção social de identidades marcadas pela oposição sertão/litoral, em cujo curso se instauram a nação brasileira e a piauiense.

Por esse prisma, chama a atenção a representação do espaço como elemento caracterizador do país e de seu povo, de sorte que a idéia da relação sertão/litoral estende e até mesmo pré-condiciona a elaboração de uma idéia de Brasil. Há, na sociografia brasileira sobre o sertão, desde autores como os primeiros viajantes que se adentraram pelo país, como Saint-Hilaire (1932, 1937), no século XIX, passando pelos que problematizaram um Brasil a ser como Abreu (1982) e Cunha (1968), no século XX, até os que lidam com o tema da incorporação da fronteira, como Ricardo (1970), Moog (1989) e Holanda (1986), dentre outros. São autores e idéias que muitas vezes se expressam pela diferença de entender o projeto de compreensão da conquista e ocupação do espaço

---

<sup>10</sup> A categoria sertão não se limita às regiões Norte e Nordeste do Brasil. Aliás, contrariando esta afirmação de Luis da Câmara Cascudo, remeto o/a leitor/a para Rubert (2000), que apresenta o sertão nas memórias e narrativas de antigo/as morador (es)/as, no Rio Grande do Sul.

pertencente ao Brasil e a própria construção da nação, embora, no conjunto, sejam narrativas das quais emergem representações sociais fundadas, sempre, na trajetória da costa para o interior, produzindo a distinção entre regiões da marinha e do sertão e definindo o Brasil em seu nascimento e destino. As idéias que transparecem no conjunto de eventos se traduzem em imagens pelas quais, na posição vacilante de um sujeito classificador, o sertão aparece como desconhecido, diferente, problemático, deserto, longínquo, Brasil a ser, ignoto, outro Brasil (SOUZA, 1997).

Um olhar de um sujeito falante. Um discurso e um objeto. Os primeiros: do litoral, lugar conhecido e articulador do olhar e do discurso. O segundo, o sertão: lugar incógnito sobre o qual o narrador vai falar, revelando para seus leitores compatriotas um Brasil ignoto, fazendo lembrar, muitas vezes, o padre Antônio Vieira – cantado por Luiz Gonzaga: “há quem fale sobre o sertão, morando em palacetes (...), sem jamais ter pisado a poeira de nossas estradas” (VIEIRA, 1966, p.9).

Ressaltam-se, nesse imaginário da construção da nação, imagens de um Brasil desconhecido, do sertão como impedimento à construção da unidade, da imensidão do território nacional como problema e destino coletivos, idéia importante, por exemplo, para o imaginário ainda hoje reinante da fronteira permanente e inesgotável: Brasil e Brasil a ser, lugar sertão igual a desconhecido, diferente do espaço habitado e familiar onde reside o marinha. O sertão nasce como alteridade. Os significados atribuídos a esses lugares sertão/litoral constituem fórmulas narrativas centrais, eixos ordenadores e referência nos escritos de interpretação do Brasil.

Como representação social, essa bipartição permanece em nós como dois cenários que combinam terra e gente, embora, através da arte, sertão e litoral se reencontrem muitas vezes e embora todos nós sejamos, de forma irremediável, frutos desse encontro, dessa circularidade (GINSBURG, 1987) e desse dialogismo (BAKHTIN, 1995, 1996) culturais. Isso, porém, não nos autoriza a deixar de inquirir sobre os sentidos da nossa dimensão-sertão no processo de construção da nossa própria identidade, ou de como somos interpelados pelo sertão em sua trajetória. Trajetória do sertão? Sim, que o sertão é uma entidade

rica no imaginário social, popular ou erudito, entidade capaz de se transformar: “o sertão vai virar mar...” como profetizara Antônio Conselheiro e, quase um século depois, cantaríamos muitos brasileiros que pouco ou nada sabem a seu respeito e muitos dos quais jamais leram Euclides da Cunha. Essa imagem é, aliás, retomada por Gláuber Rocha, no filme “Deus e o diabo na terra do sol”, tanto na trama, com o personagem Manuel, que se embrenha na caatinga e se junta ao bando dos fanáticos seguidores do Santo Sebastião – profeta negro que afirma “um dia o mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar”, quanto na canção do filme do próprio Glauber (letra) e de Sérgio Ricardo (melodia). Mas essa imagem se difundiria, ainda mais, com a canção “Sobradinho”, da dupla de cantores e compositores Sá e Guarabira, que diz: “(...) e passo-a-passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia que o sertão ia alagar (...) o sertão vai virar mar (...)”, referindo-se àquela parte do sertão nordestino inundada por barragens. Já em “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, o desfecho se dá com a nova vida que brota do encontro do retirante do sertão com o morador das palafitas do litoral... Reticências? Sim, que o Sertão é assim: sem ponto final.

O período que vai do século XVI ao XVIII corresponde à conquista do patrimônio geográfico brasileiro sob a ação das expedições bandeirantes, numa expansão da sociedade colonial para além dos núcleos de povoamento da costa, por demais é rico em representações, não apenas relativas àquela época histórica mas ainda à projeção da idéia da fronteira sempre possível e da saga do bandeirante como desbravador. De fato, inaugura-se aí uma visão da centralidade do bandeirismo na memória da nacionalidade, com a mobilidade por meio do espaço se constituindo como a possibilidade sempre pensada de construção da nação. Essa idéia se atualiza, entre nós, por exemplo, nas narrativas mestras da fronteira agrícola do sudoeste piauiense.

O imaginário fundamental do bandeirismo, o do marco zero, é produtor de imagens do sertão como as de “nação a fazer” e “projeto de Brasil”, o que pode ser visto como modelo a ser impelido ao longo da história, como tentativa de controle e ocupação territorial. O bandeirante persiste, assim, como sím-

# ARTIGO

bolo do povo brasileiro, e a nação é pensada como “artefato a ser trabalhado” (SOUZA, 1997), discurso atualizado no “sertão desencantado” com os “novos bandeirantes” dos cerrados piauienses, os “gaúchos” (MORAES, 2000), que, como se sabe, aportaram na região sudoeste do Piauí na segunda metade dos anos de 1980.<sup>11</sup>

A propósito, o imaginário sobre uma pretensa superioridade gaúcha tem presença antiga nas narrativas mestras (MORAES, 2000) piauienses: “a economia de criação, indisciplinada e livre, não se coaduna, por sua natureza intrínseca, ao regime da escravidão. Gera, ao contrário, populações movediças e arrogantes, como o gaúcho, o beduíno ou o filho da estepe” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 80) [grifo meu]. Num movimento de conceitualização semelhante ao acontecido com o vaqueiro, no âmbito do imaginário do “destino pastoril” (MORAES, 2000, 2005), as narrativas mestras da vocação agrícola elegem o gaúcho como símbolo, um herói cultural, capaz de domar o sertão modernizado pelo *agribusiness*, ou seja, os cerrados.

As bandeiras, tratadas como evento histórico original da sociedade e do viver no sertão e das enormes distâncias, é, assim, um tema que caracteriza o olhar do sociógrafo nacional sobre o Brasil, distinguindo-se das preocupações e falas dos viajantes, que descreviam apenas o exótico, procurando revelar o Brasil ignoto aos demais patriotas. A tarefa, aí, é definir lugares, descrever e nomear modos de vida social no imenso território, identificar a distinção como problema, numa perspectiva geopolítica: imensidão do território nacional – em dois cenários de combinação de terra e de gente – como problema e destino coletivo de um Brasil plenamente pertencente ao espaço-nação (litoral) e de um Brasil a ser (sertão).<sup>12</sup>

Constrói-se, assim, a imagem de sertão como oeste, metáfora de deslocamento do litoral para o interior, termo este que passa a significar sertão, que adquire, então, o sentido de lugares simbólicos e metafóricos, num discurso explicador da nação. Como

opositor geográfico da costa, o interior do Brasil é independente e autêntico *versus* a civilização litorânea, que aparece como porção aculturada. A idéia de independência da costa apontava para originalidade e autonomia e para a construção da nacionalidade pela bandeira: contorno do mapa político, sentimento de pertencimento à pátria, composição rural do povoamento e estruturação da ordem política (SOUZA, 1997).

Se, nesse imaginário, constrói-se o sertão como vastidão preocupante (VIANA, 1922), nação incompleta, permanente questão nacional, algo que ficou apenas atravessado, mas não dominado (FAORO, 1987), um lugar/coisa que resiste, distinto do litoral, é, por outro lado, no imaginário dessa resistência que se põe a questão do povo e do modo de vida do sertão. Nessa representação, o sertão aparece como lugar de reprodução de uma ordem social específica, a chamada sociedade sertaneja, fruto do distanciamento transposto, na própria narrativa, pelo mediador, que enumera atributos do homem e da terra, estilo inaugurado por Euclides da Cunha num imaginário de um sertão só entendível como *habitat* social em sua estreita relação entre natureza e sociedade. Sertão-Geografia, igual a sertão-sociedade. Embora com registros diferentes, essa idéia se reencontra em João Capistrano de Abreu, Carlota Carvalho, Renato Castelo Branco, João Guimarães Rosa, Alvina Gameiro e em poemas dobalinos de “O tempo conseqüente” (DOBAL, 2001).

Com efeito, Euclides da Cunha expõe um imaginário de quase-simbiose entre natureza e cultura, para falar da “sociedade rude dos vaqueiros” (CUNHA, 1968, p. 9), ao mesmo tempo deserto de polidez (em comparação com o litoral) e berço de uma nacionalidade étnica. O convite para atravessar aquela sociedade pode ser visto como signo de uma importante invenção: a modernidade política brasileira, traduzida pelo projeto republicano, no qual o sertão não tinha mais lugar. Com base no conhecimento geológico do final do século XIX, o autor de-

<sup>11</sup> Para detalhes, ver Moraes (2000), inclusive sobre como as narrativas mestras definem um tipo humano considerado apto às áreas de modernização agrícola, nos cerrados brasileiros.

<sup>12</sup> Sobre autores referenciais no trato desta problemática, e seus pontos de vista, ver Souza (1997).

talhou, fisiograficamente, regiões do interior do Brasil, até então, indiferenciadas pela denominação geral de sertão – por oposição a litoral – e como território da aridez.<sup>13</sup>

Ambas as marcas – “sociedade rude dos vaqueiros” e “território da aridez” – interpelariam culturalmente a construção de um ideário de sertão, quase o resumindo à seca e a um modo de vida rude e, ao mesmo, portador de uma civilidade arcaica. Nessa terra de modo de vida excêntrico para as populações do sul, perduraram tradições e costumes antigos e específicos, com extensas e isoladas fazendas de gado, como trabalhado por Alvina Gameiro, em “Curral de Seras”, inclusive no nível da linguagem, com termos que remontam ao português castiço, em desuso no meio urbano. Já a aridez do sertão aparece, via de regra, na circularidade inverno/verão, delimitando tempos, modos e gestos de um povo, um filão consagrado pelo romance da geração de 30 e sempre presente na literatura que versa sobre sertão, como em Gameiro (1971), Ibiapina (2001) e Dobal (2001).

São representações de uma cultura sertaneja permeando obras históricas, ensaísticas e literárias. Entre as primeiras, cabe destacar a de João Capistrano de Abreu, que traça o pioneiro retrato da época do couro a partir da análise das entradas desde o século XVI, até as bandeiras, no XVIII. Embora o povo do sertão, nessa obra, não chegue a ser sujeito/objeto no sentido antropológico de análise, mas uma entidade cuja referência ajude a falar do espaço, no imaginário do sertão como espaço/povo, sem dúvida, Abreu (1982) é impar na tarefa de reconhecer os episódios do povoamento do interior. A Capitania de São Vicente é seu ponto de partida para tratar o tema das bandeiras paulistas, com destaque para o papel da pecuária na ocupação do sertão, em particular das fazendas estabelecidas ao longo do rio São Francisco e dos

caminhos que levavam dali ao Ceará e ao Maranhão, com o Piauí nascendo nesses caminhos do gado, na referida época do couro.<sup>14</sup> Dessa “alquimia nacionalizadora” (SOUZA, 1997), operada pelo afastamento de Portugal, a ruptura com a Metrópole e a constituição da nação, nasce o povo brasileiro. Dessa sertanização, fruto da mistura e extermínio das gentes paulistas com as populações indígenas, emerge a nação piauiense.

Como viveria esse povo são questões de ordem política que desafiam o contrato social. A idéia que perpassa o pensamento social brasileiro é a de que a independência, radicalizada como um modo de vida sertanejo, próprio e diferente de outras regiões, se casa com uma atividade específica que a sustenta: a pecuária. O sertão de João Capistrano de Abreu, como o de Euclides da Cunha, se tinha alguma vocação econômica, esta era a pecuária e não a agricultura, idéia que vigoraria no imaginário piauiense de um “destino pastoril” (MORAES, 2000, 2006) até bem recentemente.

Esse imaginário, por seu turno, daria sustentação ao do vaqueiro como herói cultural e tipo humano livre e independente, obscurecendo, talvez, a pesquisa histórica sobre a escravidão negra no Piauí-colônia, julgada, por muitos, como incompatível com a pecuária.<sup>15</sup> Essa visão idealizada do vaqueiro como herói da região sertaneja assemelha-se ao modo pelo qual o índio foi tomado pelos românticos como símbolo da nacionalidade brasileira. O vaqueiro aparece, então, mais como fruto da mística do boi do que como categoria social subordinada, que se definia pelo trabalho nas fazendas de gado, sendo o Piauí celebrado como “pátria de vaqueiros” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 44-5).

Com efeito, no nível das narrativas mestras, trata-se de uma definição genérica e idílica de um tipo

<sup>13</sup> Carlota Carvalho, na década de 1920, refutou a visão euclidiana da aridez, redutora, segundo ela, da idéia de sertão, pretende não demonstrar a existência de outros sertões, Brasil afora. Assim, descreveu aspectos fisiográficos e a história da ocupação e povoamento da região que compreende o sul do Maranhão, limitrofe com o sudoeste piauiense, que corresponde, nesses estados, às regiões de cerrados.

<sup>14</sup> Renato Castelo Branco a interpretou como “civilização”: “(...) Em nenhum lugar jamais foi tão nítido o caráter de uma civilização; em nenhum lugar poderíamos encontrar mais definido aquilo que Capistrano de Abreu chamou de a ‘civilização’ do couro” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 44-5) [grifos meus].

<sup>15</sup> Contrariando esta visão, sobre trabalho escravo no Piauí, ver Brandão (1999), Mott (1985) e Falci (1995).

# ARTIGO

humano piauiense que traduz o trabalho de conceitualização, no âmbito de uma memória coletiva (MORAES, 2000), com os personagens comportando-se mais como significados corporalizados que como personagens de carne e osso. Talvez pelo fato de a classe dominante de fazendeiros não ter gerado heróis – esta precisou, para simbolizar sua hegemonia, de um tipo econômico e socialmente subordinado. Assim, o trabalhador pastoril parece ter uma eficiência simbólica própria: a de representar simbolicamente a subordinação da natureza,<sup>16</sup> ecos euclidianos do vaqueiro/sertanejo como rocha viva da nacionalidade. Mas, no nível das narrativas eclipsadas (MORAES, 2000), a figura do vaqueiro é algo presente na real trajetória de vida de sertanejos e sertanejas, como encontrei em minhas próprias pesquisas de campo nos “sertões desencantados” do Piauí:

“(…) Nasci lá em casa, na região. E vivo lá. Só não ficava lá quando eu era vaqueiro, saía pras fazendas. (...) Filho de agricultor. (...) Criei uma família grande e aí de vaqueiro, da roça, e hoje me acho feliz devido os meus filhos tá tudo criado, não é? Ando no campo, ainda, na roça... de todo serviço eu tou fazendo. Mas só de agricultormente e vaqueirice (Sr. Cesário Ribeiro Leite, camponês de Morrinhos, Uruçuí, PI).

“Aí, depois, a gente veio ser vaqueiro e passei mais três anos nesse local donde a gente veio ser vaqueiro, que ele disse que queria pegar um gadinho, sabe? (...) Ele era vaqueiro, mas era sempre lá [plantando na roça], era sempre lá, a gente plantava algodão, mas só que a gente não deixava a lavoura, não sabe? A gente nunca deixou. Ele foi ser vaqueiro mais era pra juntar um gadinho. É pra tirar o... parece que é três, né? Sei que tem a sorte, né? Quando o gado tem umas crias – eu não lembro quantas crias – é pra gente tirar uma, parece que é três, não... são quatro... É, deve ser, eu acho que sim. Quanto completar quatro pode tirar uma. (...). Olha, minha irmã, não deu não [pra juntar gado], porque a fazenda era assim fraquinha e a gente não tinha condição e, aí, a gente vendia um pouquinho pra comprar coisa, sabe, que a gente tinha os meninos (...)” (D. Maria Ribeiro de Moraes, camponesa, de Sangue, Uruçuí, PI).<sup>17</sup>

No que tange à dimensão da cultura política, a sociedade rude de vaqueiros é representada como

instituidora de uma ordem própria, baseada em valores locais. Disso nos falam, por exemplo, obras como “Ataliba, o vaqueiro” de Francisco Gil Castelo Branco, ou “Chico Vaqueiro do meu Piauí” e “Curral de Serras”, de Alvina Gameiro. Uma sociedade fundada no patriarcalismo e profundamente estratificada entre homens e mulheres, ricos e pobres, escravos e senhores, brancos e caboclos, como lembra Falci (2002). A fuga a essa estratificação, no caso das mulheres, por exemplo, ocorre na ficção, com personagens como Diadorim (ROSA, 1956), e Isabela (GAMEIRO, 1980). As imagens correspondentes a esse modo de vida são as de sertão como ausência de ordem pública, sertão do cangaço, dos coronéis, do messianismo, de uma ética sertaneja própria, da qual nos fala, exemplarmente, o belo conto de Cineas Santos, “Até amanhã”.

A propósito de um modo de vida sertanejo, lembremos ainda João Guimarães Rosa, que dialoga com duas linhas distintas da cultura brasileira: “Os sertões”, de Euclides da Cunha, na definição de uma época do boi, fundamental para a compreensão de quem são as gentes sertanejas; e com os diários dos grandes viajantes do século XIX, como Saint-Hilaire, na compreensão do ambiente natural e das gentes (Folha de São Paulo, 1996). Se sua obra se aproxima da de Saint-Hilaire e dos viajantes naturalistas do século XIX, há, porém, uma diferença: em vez de simplesmente descrever a natureza, Guimarães Rosa preocupava-se em anotar como os habitantes dos locais que visitava a descreviam, não se enquadrando, portanto, nem na chamada literatura sertaneja (a exemplo de João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos), por fugir à identificação de seca e de aridez do sertão, nem se confundindo com as narrações dominantes de cerrados. Ao ver o sertão com os olhos do morador e do habitante, desempenhou Guimarães Rosa, com sua literatura, como lembra Arroyo (1984), importante papel na reconstrução da invenção das gentes do lugar. Não dialogaria Gameiro (1980), por sua vez, com João Guimarães

<sup>16</sup> Aliás, há, na figura do vaqueiro idealizado, uma apologia do macho, do homem que doma a natureza, o gado e a mulher, tema que remete ao processo de construção do nordestino como invenção do falo, como tratado por Albuquerque (2003). Em contrapartida, a respeito das mulheres do sertão, inclusive no Piauí, ver Falci (2002).

<sup>17</sup> As histórias de vida de Seu Cesário e Dona Maria se encontram em Moraes (2000).

Rosa, no trato literário do imaginário das gentes do sertão do Piauí?

### Considerações finais. Ainda queremos ser...tão?

Refletimos sobre a categoria sertão como um referente sobre o qual se fala, para dizer do Brasil, através da idéia de um sertão genérico e do uso alegórico de proposições a respeito da nacionalidade, como também ao Piauí e a signos de identidades piauienses.

Não nos esqueçamos de que no processo de instituição e reelaboração do imaginário, no tempo e no espaço, certas imagens permanecem na memória sociográfica, literária e artística, como a do grupo semântico seco/rude/perigoso, parte do ideário sobre a vida no sertão e sobre seus habitantes, profundamente arraigado no imaginário social, alimentando, até os dias atuais, idéias de Brasil, como a dizer: “(...) não, aqui não é o sertão” (PROENÇA, 1958, p. 43), lembrando moradores que “(...) tinham a vaidade de julgar que a zona na qual viviam não pertencia ao sertão: o deserto, diziam, só começa além de certas montanhas que se encontram entre esta região e o São Francisco” (SAINT-HILAIRE, 1937, p. 275-76) [grifo meu]. Perguntemo-nos, pois: o Piauí é sertão? Teresina é sertão? Aqui, onde vivemos, é sertão?

Em que pese a permanência desse imaginário do grupo semântico seco/rude/perigoso, vale lembrar que, ao longo das três primeiras décadas do século XX, o sertão nordestino ganhou visibilidade através de personagens como padre Cícero do Juazeiro, Lampião e Maria Bonita, dos cantadores, da produção intelectual, e da indústria cultural. Dos anos de 1930 aos de 1960, embora o sertão rebelde do cangaço e do messianismo começasse a ser “domesticado”, aumentava ainda mais a sua imagem de realidade regional distinta e nacional, através da música de Luiz Gonzaga, do cinema de Gláuber Rocha, da literatura de Ariano Suassuna, das análises econômicas de Celso Furtado, de instituições como a SUDENE. Segundo Almeida (1982), houve um *lobby* do sertão, que era apresentado, durante esses anos, como região carente, mas rica de valores nacionais, demandando do Estado recursos materiais (obras contra a seca, etc.), embora os ecos de um sertão carente não tenham de todo desaparecido, sendo ainda parte das estratégias que alimentam a indústria da seca

(NEVES, 1994, SOUSA, 2005), apesar de em curso a construção de uma nova representação, a de semi-árido (SOUSA, 2005). De todo modo, o jogo político regional ainda vigora nas ênfases postas no ser sertão, principalmente quando em disputa a destinação de recursos, verbas, incentivos, programas especiais, etc. Mais recentemente, nas duas últimas décadas do século XX, o sertão nordestino reaparece no cinema e na teledramaturgia nacionais em megaproduções que o mostram como um espaço de circularidade de signos do arcaico e do moderno. Além disto, explode a face do sertão *country* do Centro-Oeste, com seus rodeios e mega-*shows* que movimentam grandes empresas do agronegócio, do *showbusiness* (PIMENTEL, 1997), da cinematografia e teledramaturgia.

Mas permanecem entre nós os ecos de um imaginário de sertão pelo que se pode referir a selvagem (eticamente povoado por indígenas), a pastoril e extensivo (onde não chegou a civilização da agricultura), a agricolamente pobre e ambientalmente árido (discurso da seca), a anárquico (onde o Estado está ausente e a ordem é privada), a deserto e desabitado (baixa densidade populacional), a uma alteridade à vida urbana. Aliás, dialogando com Saint-Hilaire (1937), nesse imaginário, João Guimarães Rosa falou, pela boca de Riobaldo: “O senhor tolere, isto é o sertão. Mas querem que seja não: que situado sertão é por os campos gerais a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia” (ROSA, 1956, p. 9) [grifo meu]. Cabe, por fim, insistir: não é sertão, aqui, também, “na cajuína cristalina em Teresina...” como poetou Caetano Veloso?

Que tomemos como algo bom para pensar a perspectiva roseana universalizante de um sertão que se encontra em toda parte, porque isso nos interpela, como sujeitos, incorporando, assim, a dimensão da subjetividade. “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera (...). Sertão é: dentro da gente” (ROSA, 1956, p. 282-305) [grifo meu].

Isto faz pensar, seguindo trilhas da nossa eterna viagem como caçadores de nós próprios, como sugere a poética do “matuto urbano”, de Lázaro do Piauí, que as referências a “interior”, entre nós, podem-nos fazer reencontrar esse sertão encantado e primordial, na nossa própria relação campo/cidade. Se prestarmos atenção, veremos que o termo interior – signifi-

# ARTIGO

cando originalmente, no imaginário sertão/litoral, distante da costa – foi ressemantizado, no Piauí, e parece referir à nossa relação com um sertão simbólico, difuso e presente. Aliás, transformou-se até mesmo em sonho de consumo: quem não deseja possuir um “interior” para fugir ao calor da capital em algum final de semana ou feriado? O termo, de uso corrente no Piauí, seja na capital, seja nos demais municípios do Estado, refere essa alteridade em relação ao urbano. À guisa de conclusão, deixo aberta, então, uma das trilhas para refletir sobre a nossa sertanezidade, como uma linguagem que fala de um sertão piauiense difuso e latente, presente mesmo na vida urbana:

“Eu só não nasci no mato  
Porque o destino bestou  
Fez meu corpo na cidade  
E alma no interior.  
Mas sei que sou viciado  
Naquele cheirinho de gado  
Que a natureza criou (...)”<sup>18</sup> [grifo meu].

## REFERÊNCIAS

- ABREU, J. C. **Capítulos de história colonial (1500-1800) & os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília;DF: Editora da Universidade de Brasília, 1982.
- ABUQUERQUE, D. M. **Nordestino, uma invenção do falo: uma história do gênero masculino**. (Nordeste – 1920-1940). Maceió: Catavento, 2003.
- ALENCAR, J. **O sertanejo**. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].
- ALMEIDA, M. W. B. Linguagem regional e fala popular. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v 8, n. 1-2, p. 171-81, 1982.
- AMADO, J. Região, sertão, nação. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p.145-51,1995.
- AMARAL, José Ribeiro do. **Apontamentos para a história da revolução da Balaiada na província do Maranhão (1898-1906)**. São Luís: Tipografia Teixeira, 1900. 3 v.
- ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ARROYO, L. **A cultura popular em grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
- ASSUNÇÃO, M. R. **A guerra dos bem-te-vis: a Balaiada na memória oral**. São Luís: [s.n.], 1988.
- AZEVEDO, A. **Poesias completas de Álvares de Azevedo**. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].
- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHIOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BRANDÃO, T. P. **O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII**. Teresina: Editora da UFPI, 1999.
- CÂMARA CASCUDO, L. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1962, v. 2.
- CARVALHO, T. **A harpa do caçador**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- CARVALHO, C. **O sertão**. Imperatriz: Ética, 2000.
- CARVALHO, E. R. de. **Bem-te-vi**. São Luís: SIOGE, 1987.
- CASTELO BRANCO, F. G. **Ataliba, o vaqueiro**, 8. ed. Teresina: Corisco, 2004.
- CASTELO BRANCO, R. **O Piauí, a terra, o homem, o meio**. São Paulo: Quatro Artes, 1970.
- CUNHA, E. R. **Os sertões**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1968.
- DIAS, M. C. M. **Balaies e bem-te-vis: a guerrilha sertaneja**. 2. ed. Teresina: Halley, 2002.
- DOBAL, D. **O tempo conseqüente**. 4. ed. Teresina: Corisco, 2001.
- FALCI, B. M. K. **Escravos do sertão**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- FALCI, B. M. K. Mulheres do sertão nordestino. PRIORI, M. (Org.) NEZI, C. B. (Coord.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP. 2002. p. 241-75.
- FAORO, R. Os colonos e os caudilhos: a conquista do sertão. **Os donos do poder**. Rio de Janeiro: Globo, 1987, v. 1, p. 153-65.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERRY, J. **Chapada do corisco**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1952.
- FUNDAÇÃO CEPRO. **Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento**. Teresina, 1979.
- GAMEIRO, A. **Chico Vaqueiro do meu Piauí**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1971.
- GAMEIRO, A. **Curral de serras**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HALL, S. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998, p. 47-66.
- HOLANDA, S. B. **O extremo oeste**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>18</sup> Estrofe do poema “Matuto urbano”, de Lázaro do Piauí, que se encontra gravado, pelo próprio autor, no CD “Lázaro do Piauí em versos e prosas”, Teresina, maio de 2005. Produção e direção: Lázaro do Piauí.

- HOBBSAWN, E.; RANGER, T. (Org.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IBIAPINA, F. **Vida gemida em Sambambaia**. São Paulo: Clube do Livro, 1985.
- IBIAPINA, F. **Trinta e dois**. Teresina: Corisco, 2002.
- JANOTTI, M. L. M. **A Balaçada**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MOOG, V. **Bandeirantes e pioneiros**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MORAES, M. D. C. **Memórias de um sertão desencantado** (modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade de Campinas, Campinas, 2000.
- MORAES, M. D. C. O sertão desencantado (memórias, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense). LOPES, E. S. A.; MOTA, D. M.; SILVA, T. E. M. (Orgs.) **Ensaio: desenvolvimento rural e transformações na agricultura**. Sergipe: Embrapa. 2002, p. 253-94.
- MORAES, M. D. C. **Memorial da Balaçada**: proposta de trabalho para criação da linha de pesquisa: “Memória oral da Balaçada” (versão preliminar para discussão). Teresina: [s.n.], 2004, 5 p.
- MORAES, M. D. C. **Veredas do grande sertão na construção do Brasil como “comunidade imaginada”**. (Nota de aula, n. 2, Tópico Especial de Sociologia: “Imagens e Narrativas do Sertão”). Teresina, 2004. 5 p.
- MORAES, M. D. C. **Do destino pastoril à vocação agrícola** (modernização agrícola dos cerrados e inflexões discursivas nas narrativas mestras do Piauí). In: ELIAS, D.; PEQUENO, R. (Orgs.) **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006, p. 173-209.
- MORAES, M. D. C. **Desenvolvimento rural sustentável, multifuncionalidade e modo de vida de populações rurais**: algumas questões. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, Painel 2: “Multifuncionalidade da Agricultura e Política de Desenvolvimento Rural”. Brasília, 23 a 25/08/2005. 25 p. (Brasília: NEAD. No prelo).
- MORAES, M. D. C. COSTA, M. B. 2005. **Gorjeios de bem-te-vís**: ecos da Balaçada na memória oral da *Princesa do Sertão* maranhense. XII Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste. GT Memória, Narrativa e História Oral, de 17 a 20 de abril de 2005, em Belém, Pará. 25 p.
- MOTT, L. R. B. **Piauí colonial**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- NEVES, F. C. **Imagens do Nordeste**: a construção da memória regional. Fortaleza: SECULT/RCV, 1994.
- OLIVEIRA, R. A invenção da brasilidade sertaneja. Disponível em: <[www.ifcs.ufrj.br/~humanas](http://www.ifcs.ufrj.br/~humanas)>. Acesso em: out. 1998.
- OTÁVIO, R. **A Balaçada (1839)**: depoimentos de um dos heróis do cerco de Caxias sobre a Revolta dos ‘Balaios’. São Paulo: Siciliano, 2001.
- PIMENTEL, S. V. **O chão é o limite**. A festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: UFG, 1997.
- PRADO JR. A pecuária e o progresso do povoamento do Nordeste. In: **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 66-8.
- PROENÇA, M. C. **Trilhas no grande sertão**. Rio de Janeiro: MEC, 1958. (Cadernos da Cultura, 114).
- RIBEIRO, D. O Brasil sertanejo. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 339-63.
- RICARDO, C. **Marcha para o oeste**: a influência da “Bandeira” na formação social e política do Brasil. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959, 2 v.
- ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.
- RUBERT, R. A. **Construindo tempos, recompondo tradições**: um estudo etnográfico de memórias junto a velhos moradores de um contexto rural – Região do Médio Alto Uruguai (RS). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- SAINT-HILAIRE, A. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)**. Rio de Janeiro: Nacional, 1932.
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagens às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goyaz**. São Paulo: Nacional, 1937. T. 1, série 5ª – Brasileira, Biblioteca Pedagógica Brasileira v. 68.
- SANTOS, C. **Até amanhã**. (Coleção Contar v. 7) Teresina: Corisco. 2002, p. 9-11.
- SANTOS, M. J. V. **A Balaçada e a insurreição de escravos no Maranhão**. São Paulo: Ática, 1983.
- SANTOS, S. R. R. **A Balaçada na dialética do sertão**. São Luís: SIOGE, 1997.
- SERRA, A. **A Balaçada**. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1948.
- SOUSA, M. S. R. **Imaginário social de semi-árido e o processo de construção de saberes ambientais**: o caso do município de Coronel José Dias-Piauí. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2005. 193 p.
- SOUZA, C. V. **A pátria geográfica**: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: UFG, 1997.
- TÁVORA, F. **O cabeloira**. São Paulo: Editora Três, 1973.
- TESE vê relação com viajantes do século 19. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 jun. 1996. (Caderno Mais!: “O sertão místico de Rosa”) p. 5.
- VIANA, **Histórico da formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Fazenda, 1922.
- VIEIRA, A. **Sertão brabo**. [s. l.: s.n.], 1966. 245 p.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença. Uma introdução teórica e conceitual. SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.